

Análise de imagem e fotografia criativa

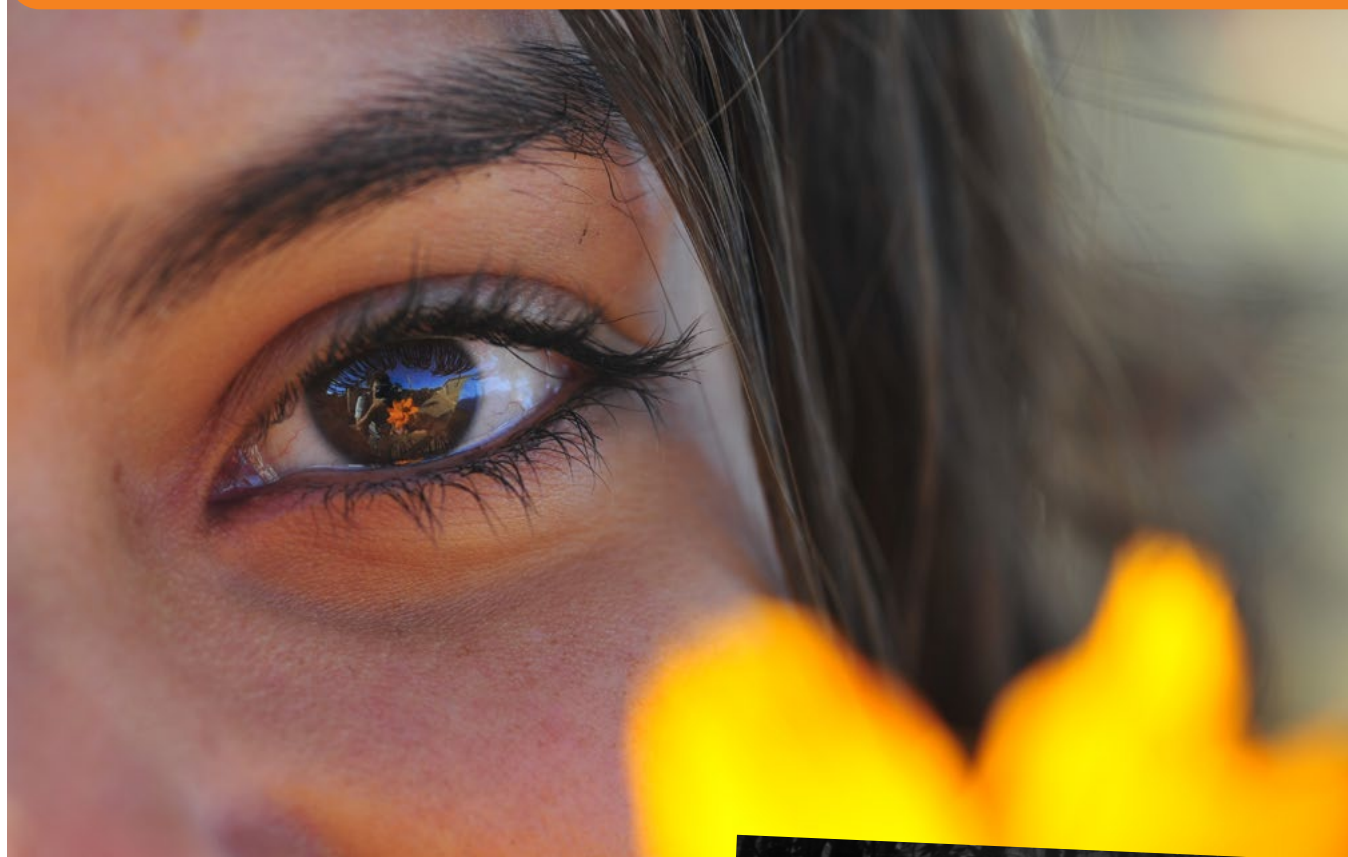


Foto: Luis Salvatore

- ✓ **Criatividade no mundo da fotografia**
- ✓ **Enquadramento, iluminação e movimento**
- ✓ **Reflexos, sombras, macros... e muito mais!**

“

Ser original é ser você mesmo.
Partir de você mesmo, criar
sem copiar nem imitar nada
nem ninguém.

Eduardo Salvatore

”



Foto: Eduardo Salvatore

Criatividade no mundo da fotografia

Vimos no fascículo anterior, principalmente, questões técnicas de produção fotográfica. Agora, chega o momento de iniciarmos nosso grande trabalho de observação e imersão criativa do trabalho do fotógrafo!

Mas afinal, o que é ser criativo? É ser inovador, ser diferente, ter ideias revolucionárias e então mudar o mundo. Ser criativo é se apegar ao novo, a coisas que não se pensaram anteriormente, ou que não foram executadas quando deveriam. Ser criativo é se arriscar, buscar melhorar, aprimorar técnicas e desenvolver novas.

E na fotografia isso também é possível, quando se domina as técnicas e coloca “seu interior a serviço da câmera”. Afinal, a câmera está a ser-

viço da criatividade e subjetividade do olhar do fotógrafo!

Fotografar com atenção é fazer escolhas. Tais escolhas dizem muito sobre o que o fotógrafo quis dizer em determinado contexto e pode influenciar como as pessoas vão interpretar uma imagem. Uma fotografia pode carregar consigo escolhas estéticas, artística, políticas, poéticas, metafóricas, narrativas, sensoriais e etc. Às vezes, uma imagem pode ser tão poderosa a ponto de contar uma história inteira sozinha. Outras, é muito importante que entendamos o contexto e que leiamos sobre a imagem, antes de interpretar o que vemos.

Vamos começar?



Reprodução

Por trás das portas, de Donna Ferrato (1982)

Interessada em registrar a violência doméstica, a fotógrafa Donna Ferrato fez em 1982 esse importante retrato. Nele um homem bate em sua mulher. Ainda que escutemos falar de violência doméstica no nosso cotidiano, na maioria das vezes essas histórias acontecem por trás de portas fechadas. Por conhecer o casal, Donna teve acesso a estar com eles por um período do seu dia-a-dia. Foi assim que pode registrar o momento da agressão. Essa fotografia foi recusada a ser publicada por todos os editores de revista com quem Ferrato conversou. Finalmente, em 1991, ao lançar o seu próprio livro, a fotógrafa pôde publicá-la. O trabalho dela ajudou com que o tema da violência doméstica fosse discutido, e abordado de forma penal. Em 1994, o congresso americano passou uma lei contra a violência doméstica. No Brasil, a lei Maria da Penha só viria a ser assinada em agosto de 2006.



Apesar de sabermos há muitos anos que hipopótamos vivem em lagos ou áreas pantanosas na em certas regiões do continente africano, o fotógrafo Michael Nichols fez uma grande descoberta. Fotografando durante anos a vida selvagem no Congo, Nichols fez essa surpreendente foto de hipopótamos nadando no mar.

Até então, não havia registros dessa falta de espaço dos animais numa natureza cada vez mais tomada pelo homem. A fotografia serviu como instrumento político e, tocado com o fato, o presidente do Congo à época, ordenou a construção de reservas naturais que hoje englobam mais de 11% do país.



Reprodução

Michael Nichols - Hipopótamos Surfistas (2000)

Reprodução



Henri Cartier-Bresson

Um dos maiores fotógrafos da história, Henri Cartier-Bresson combinava sensibilidade, intuição e técnica para fotografar o "momento decisivo", como ele mesmo descreveu.



Os fotojornalistas precisam, algumas vezes, cobrir eventos trágicos, como uma guerra. Na guerra do Vietnã não foi diferente. O fotógrafo americano Eddie Adams registrou exatamente o momento em que o General do exército vietnamita (aliado aos EUA), Nguyen Ngoc Loan atirou em um prisioneiro de guerra. Essa foto, por exemplo, precisa ser explicada em seu contexto. Pois apesar de ter sido um ato bárbaro - a execução de uma pessoa - o próprio general tentou se justificar.



Logo após apertar o gatilho, disse a Adams: “esse homem que eu acabei de matar, matou muitos dos meus homens, e dos seus também”.

A foto rodou o mundo e estampou edições de jornais. A banalidade com a que o general puxou o gatilho - quase displicente, como se cumprisse uma tarefa qualquer, - ajudou a ecoar nos EUA os protestos pelo fim da guerra.

PARA REFLETIR

Além de estar presente de corpo e alma para “clicar o momento decisivo” - como diria Cartier-Bresson - e de conhecer o seu equipamento fotográfico, quais outros conhecimentos poderiam auxiliar o fotógrafo? Como podemos compor a nossa foto?



A abolição da escravidão nos EUA foi outorgada no século XIX, mas até mais da metade do século XX, em muitas cidades americanas, as pessoas negras só podiam usar o transporte público se sentassem nos últimos bancos dos ônibus, bondes ou trens. O grande movimento por direitos humanos e igualdade dos anos 1960 e 1970 mudou esse quadro.

O registro de Frank, comum à época, perdurou na história, e é hoje uma imagem importante para mostrar os tristes resquícios da escravidão e da falta de dignidade com que a comunidade negra era tratada nos EUA, tantos anos depois.





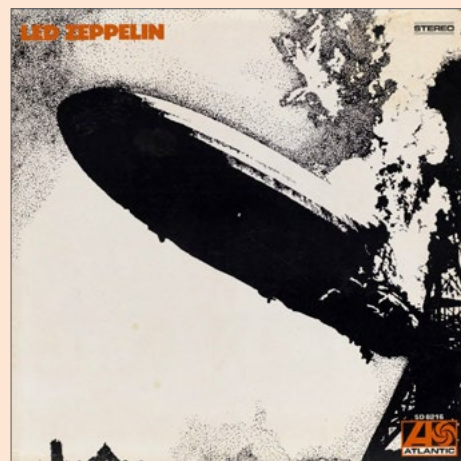
Sebastião Salgado - 1996

Um dos fotojornalistas mais conhecidos no Brasil e no mundo, Sebastião Salgado ainda atua fotografando. Nessa foto icônica, trabalhadores rurais invadem uma propriedade rural improdutiva. O MST (Movimento dos trabalhadores Sem Terra) vivia um momento em que, ao passo que exigiam uma reforma agrária, eram hostilizados por alguns fazendeiros.



Sam Shere - 1937

Os zepelins foram sinônimos de progresso e poder. Apenas os mais ricos tiveram a oportunidade de fazê-lo e por um breve período da história, até mais ou menos o momento desse terrível acidente. O fotógrafo Sam Shere cobria nos EUA a chegada do zepelim Hindenburg de sua viagem transatlântica, vindo de Frankfurt, na Alemanha. Ao se aproximar da aterrissagem, o zepelim pegou fogo, tirando a vida de 36 passageiros a bordo.



VOCÊ SABIA...

... que em 1969, a foto de Shere foi retrabalhada para a arte da capa do disco de estreia da banda Led Zeppelin? Em uma folha de papel vegetal, o designer George Hardie redesenhou o zepelim usando a técnica do pontilhismo.

“Fake news” não é uma exclusividade da nossa época. Muito antes da internet, alguns jornais já procuravam vender suas tiragens, antes de checar melhor as fontes da história. O periódico Britânico “London’s Daily Mail” enviou à Escócia o caçador Marmaduke Wetherell para caçar o Monstro do Lago Ness. Como não havia monstro algum, Wetherell tentou falsificar fotografias de hipopótamos dizendo que estes habitavam no lago.

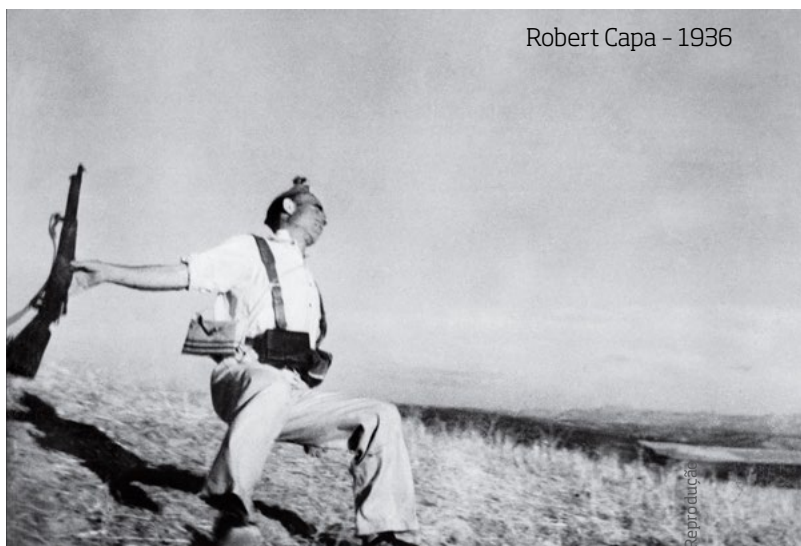
Desconhecido - O monstro do Lago Ness - 1934



O jornal começou a desconfiar da história do caçador que, numa última tentativa, construiu um submarino de brinquedo e persuadiu um médico de renome à época, a dizer que as fotos que ele fez eram de fato do Monstro do lago Ness. A foto entrou na primeira capa do jornal, mas logo, foi descreditada. Também foram descreditados o médico e o caçador.

A revolução espanhola, como toda guerra, gerou muita dor e deixou muitas sequelas. O fotógrafo Robert Capa esteve fotografando ao lado dos rebeldes republicanos que lutavam contra a ditadura de Francisco Franco. Capa fez essa foto sem olhar no visor da câmera pois, a cada vez que os soldados republicanos tentavam sair de suas trincheiras, eram alvos de tiros das tropas ditatoriais. Num desses momentos, quando um dos soldados tentou investir contra as tropas de Franco, Capa ergueu sua câmera com os braços e registrou o exato momento em que o tiro atinge o combatente.

Robert Capa - 1936



Evandro Teixeira (1968)

O ano é 1968. O Brasil vive sob a clausura do regime militar. A marcha dos 100 mil reúne milhares de pessoas nas ruas do Rio de Janeiro, protestando seus direitos ao voto. Um momento importante e triste na nossa história, já que a redemocratização viria apenas quase duas décadas depois. O fotojornalista Evandro Teixeira esteve neste ato fotografando e fez essa imagem que, além de forte, é muito emblemática: assim foi tratada a população brasileira pela ditadura quando protestava pacificamente por seus direitos de civis (não, o rapaz que cai não é o ex-presidente Lula, como sites noticiosos tentam fazer-nos crer).

Composição

A composição de uma foto é a soma dos elementos visuais que estão dentro do meu quadro. Cada elemento desses pode nos ajudar a agregar mais sentido e a construir uma imagem que tenha um apelo visual mais forte. Para melhor entender, vamos discorrer e expor sobre três dos elementos básicos principais presentes na composição: enquadramento, iluminação e movimento. Pensar nesses três elementos antes de fotografar, pode alterar minhas escolhas em relação ao “como” retratar o que quero retratar, podendo assim auxiliar a gerar resultados muito mais satisfatórios para a minha imagem final.

1) ENQUADRAMENTO

Enquadrar uma foto é uma arte por si só. Procurar o ângulo correto e onde colocar o sujeito principal da foto na nossa tela, exige prática e conhecimento. Da pintura ao cinema, grandes mestres da arte procuraram - e procuram - insistentemente, a melhor forma de enquadrar.

Além de contribuir para dar força à composição, o enquadramento pode ajudar a gerar significados para a imagem. Temos a tendência em pensar que, o melhor lugar para colocar o sujeito principal da nossa foto, é no centro dela. Pode até ser, mas em muitos casos, não é.

Preste atenção à posição do sujeito principal nas três imagens a seguir e responda: há alguma semelhança em relação à posição do sujeito principal da foto?



Pierre-Auguste Renoir

Reprodução



Henri Cartier-Bresson, 1932

Reprodução



Sebastião Salgado, 2015

Reprodução



Regra dos terços

Uma regra comumente aplicada no enquadramento, é a regra dos terços. Você provavelmente já viu em alguma câmera (ou celular!), a tela dividida dessa forma:

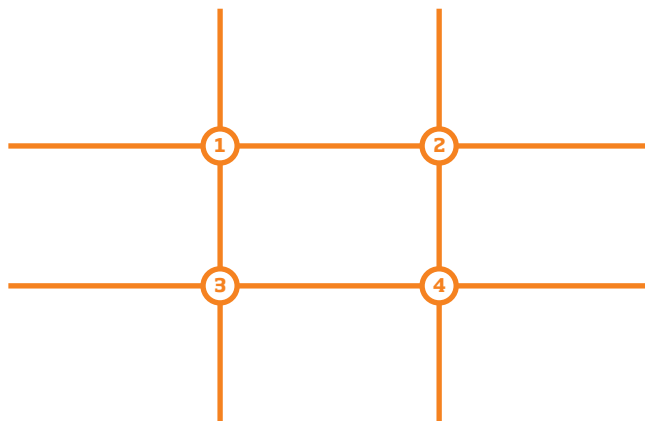
Duas linhas horizontais paralelas equidistantes e duas linhas verticais paralelas também equidistantes que, ao se cruzarem, formam 9 pequenos retângulos de tamanhos idênticos.

Nos pontos de intersecção dessas retas, encontram-se os pontos de interesse que são as áreas que o olho humano tende a olhar primeiro e com mais atenção, quando vê uma imagem.

Portanto, não é necessariamente o centro da foto que chama mais atenção aos nossos olhos, mas sim os pontos de interesse, como mostra a figura ao lado. Vamos rever as imagens da página anterior, mas agora, com os pontos de interesse.



Foto: Luis Salvatore



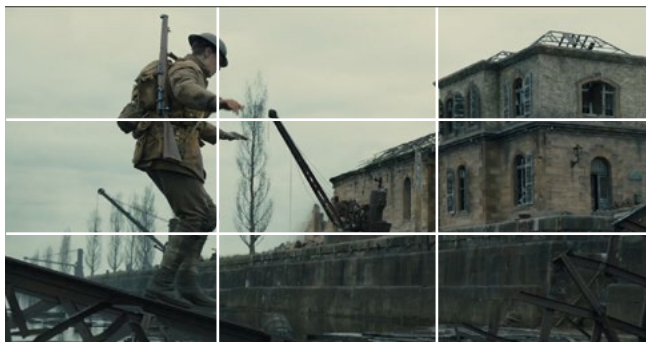
Há uma tendência em relação à ordem em que nossos olhos leem esses pontos de interesse. Porém, isso não quer dizer necessariamente que um ponto de interesse seja mais “importante” do que o outro.



Os assuntos principais de cada foto, estão enquadrados em um ou mais pontos de interesse. Usar a regra dos terços, pode nos auxiliar a mostrar outros elementos importantes no nosso quadro, ao mesmo tempo que garantimos que o nosso sujeito principal será percebido.

Nos filmes, os diretores também procuram belos enquadramentos que os ajudem a contar a história. Por isso recorrem frequentemente à regra dos terços.





1917, de Sam Mendes (2019)



Taxi Driver, de Martin Scorsese (1976)

Da mesma forma, que os mestres da pintura, fotografia e do cinema o fazem, nós também podemos utilizar a regra dos terços para melhorar o enquadramento das nossas imagens.



Foto: João Macul



Foto: Luis Salvatore

Ângulo da foto

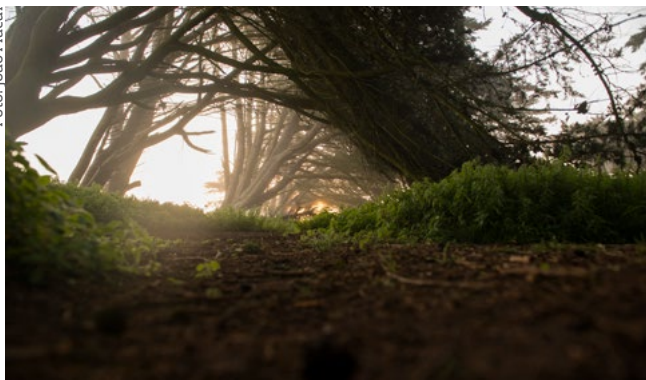
Quando falamos de enquadramento, podemos também pensar de que ângulo iremos fotografar o nosso sujeito. Será que a foto terá mais impacto se fotografarmos de baixo para cima, por exemplo? Será que o ângulo em que eu escolha fotografar, poderia também influenciar o significado da imagem? Vejamos a seguir.

A) De baixo para cima

Fotos tiradas de baixo para cima, podem ajudar a dar um aspecto de grandeza ao sujeito principal da foto. Uma dica simples para isso, é mudar de posição em relação ao sujeito da foto.

Agachar, sentar ou mesmo deitar no chão para fazer uma foto, pode fazer toda a diferença na imagem final. A procura do “ângulo perfeito” pode nos ajudar muito a exercitar o nosso olhar.

Foto: João Macul



Neil Leifer, 1965

Reprodução

B) De cima para baixo

Da mesma forma, uma fotografia tirada de cima para baixo pode “diminuir” o sujeito principal da foto, deixando-o numa posição de inferioridade, ou seja, de menos poder. Cada caso é um caso diferente e, dependendo do sujeito, uma foto tirada de cima para baixo, pode estar simplesmente procurando um ângulo melhor para mostrar determinada paisagem. Pontos de observação em altura: escadas, lajes, antenas, telhados, sacadas ou janelas de prédios e etc. podem ser excelentes para nos ajudar a buscar o melhor ângulo para a nossa foto.



Steve McCurry

Reprodução



C) Ângulo normal ou frontal

Fotografar num ângulo frontal pode ser uma excelente ideia, colocando o fotógrafo e quem vai ver a nossa imagem, no mesmo nível do sujeito fotografado. Pode parecer óbvio, mas ao fotografar crianças numa festa de aniversário, por exemplo, muitas vezes o melhor ângulo é o frontal a elas.

Para isso, pode ser necessário ajoelhar-se ou agachar-se ficando à mesma altura do que elas.



Foto: Ana Elisa Salvatore



Foto: João Macul

D) Posição da câmera: vertical ou horizontal?

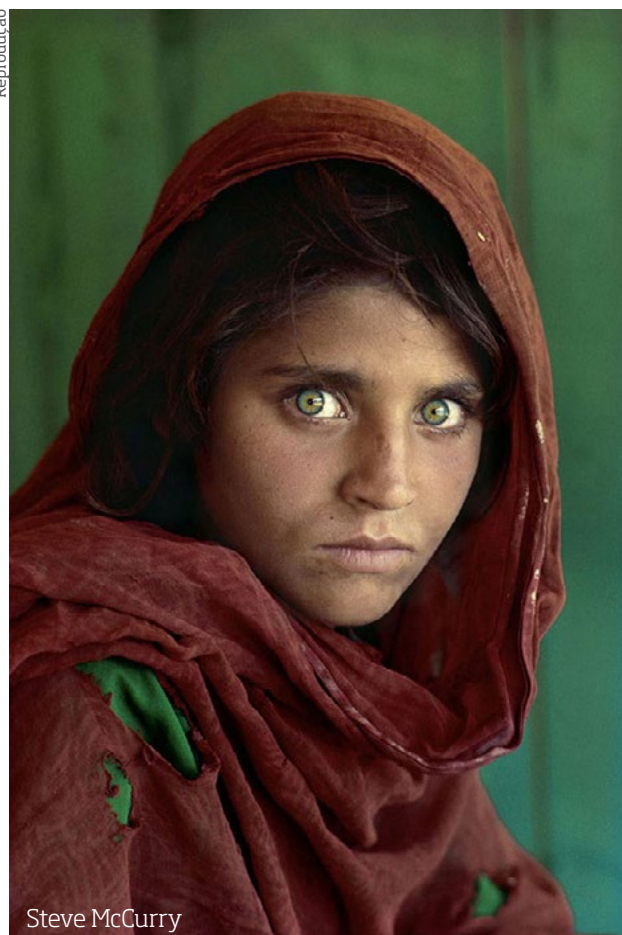
Nas câmeras, celulares ou tablets, o espaço físico da nossa tela, ou do nosso visor, é limitado. Por isso, fazemos escolhas também em função daquilo que conseguimos enquadrar. Às vezes, precisamos ajustar a posição da própria câmera para poder retratar o sujeito principal da melhor forma possível. Basicamente, podemos segurar a câmera de forma vertical, ou de forma horizontal.

Quando seguramos a câmera de forma vertical, nossas fotos saíão verticalmente. Segurar a câmera nessa posição, prioriza mostrar os elementos dispostos na vertical. Não é por menos que esse formato também é chamado de "retrato", pois é frequentemente utilizado para fotografar o rosto das pessoas.

Quando seguramos a câmera na horizontal, estamos priorizando as linhas e os elementos dispostos horizontalmente na minha imagem. Esse formato é também chamado de "paisagem", pois é muito utilizado para fotografar paisagens.

Nada impede, porém, de utilizarmos o formato retrato para fotografar paisagens e o formato paisagem para fotografar retratos. Tudo depende do "quê", "como" e "porquê" escolhermos fazer o registro de tal forma e não de outra.

Reprodução

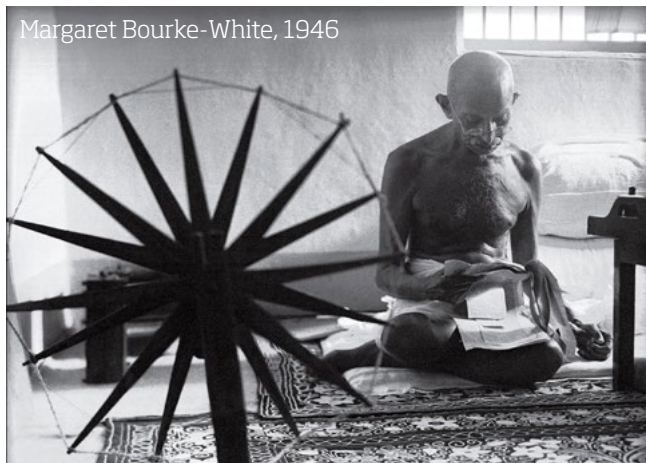


Steve McCurry





Foto em formato vertical (retrato);
à direita, fotos em formato horizontal (paisagem)



Margaret Bourke-White, 1946

Reprodução



Araquém Alcântara

Reprodução

2) ILUMINAÇÃO

Como já estudamos, sem luz, não há fotografia! Os suportes fotossensíveis - digitais ou analógicos - precisam de luz para formar a imagem. Mas, para além disso, a iluminação de uma fotografia é algo singular. Quando apertamos o botão do nosso disparador na câmera, estamos, antes de tudo, imortalizando a luz que está presente nesse exato momento.

Essa luz, por mais que possa ser parecida, nunca se repete. Assim como o momento registrado é único, ela também o é.

A iluminação, faz toda a diferença na composição da imagem final. Observar de onde vem a luz, o que ela ilumina na cena, quais objetos ou pessoas são tocados por ela, com que intensidade e quais as sombras que ela gera, pode nos ajudar a criar fotografias de belezas singulares. Falhar nessa tarefa, pode significar perder uma fotografia.

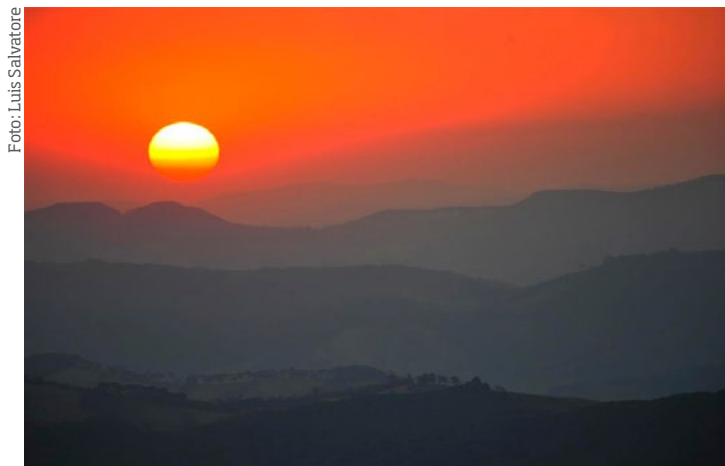
A iluminação pode ser basicamente de dois tipos: natural ou artificial. A luz natural* é aquela que vem diretamente ou indiretamente do sol (a "luz" da lua, inclusive); a luz artificial é toda aquela que vem de fontes artificiais, como lâmpadas de poste, flashes e equipamentos específicos para iluminação fotográfica. Podemos começar com algumas perguntas tais como:

- Qual é a origem dessa luz?
- Qual é a posição da luz que incide sobre o assunto retratado?
- Qual é a cor dessa luz?
- A luz é direta ou difusa (indireta)?



ORIGEM

É a fonte da luz. De onde parte a luz que ilumina o sujeito da foto? Do sol? Da lâmpada da cozinha? Por onde essa luz entra? Pela janela? Por uma fresta da porta? Da lanterna? Da vela? Da fresta da janela? Investigar a origem da luz na fotografia é começar a entender quais as possibilidades de composição que existem para fazer a minha imagem em determinado local.



DIREÇÃO OU POSIÇÃO DA LUZ

LUZ LATERAL

A luz lateral é muito comum na fotografia. Ela ajuda a dar volume à imagem. As áreas não iluminadas nesse tipo de situação podem ser tão importantes quanto à área luminosa, criando, além do volume, o contraste. O contraste é a relação entre as áreas claras e escuras da foto. Quanto mais contraste, maior é a diferença de luminosidade entre as áreas iluminadas e as áreas escuras.

O contraste ajuda também a evidenciar áreas do meu enquadramento. Porém, temos que saber dosar: muito contraste pode tornar nossas fotos ilegíveis justamente onde gostaríamos que elas fossem legíveis.

Já o volume, na fotografia, tem a ver com a sensação e a percepção de tridimensionalidade.

Quando fotografamos fotos no interior de casa durante o dia, por exemplo, janelas e portas são excelentes “fontes de luz” lateral. O pôr e o nascer do sol, também podem oferecer esse tipo de iluminação, dependendo da posição do meu sujeito principal.



LUZ FRONTAL

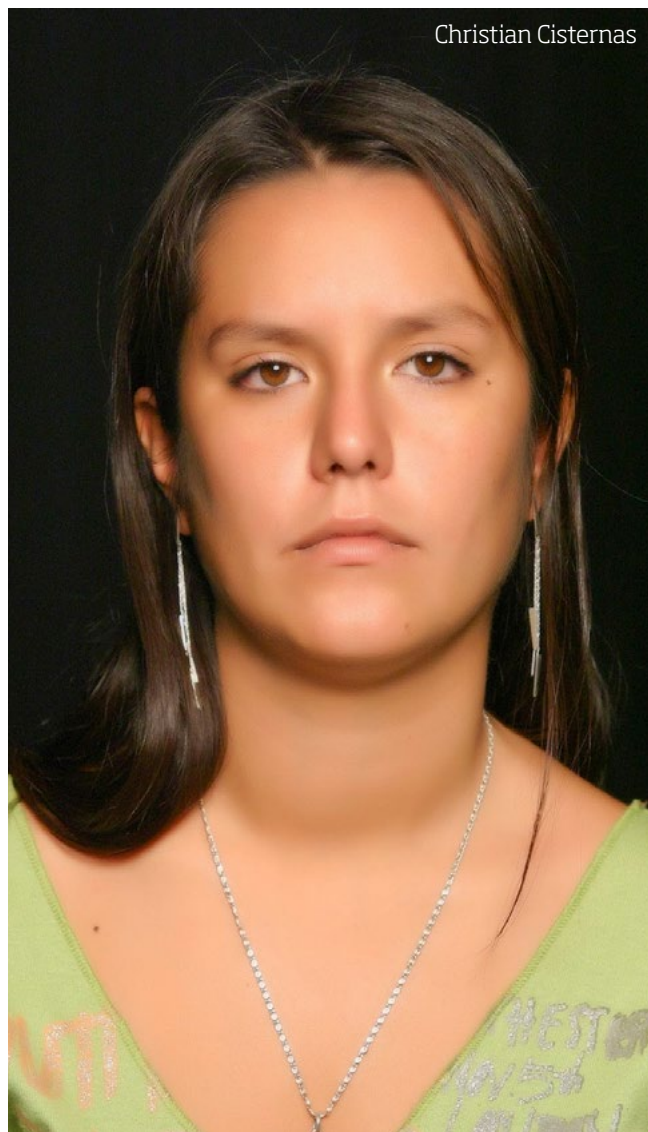
A luz frontal é aquela que ilumina frontalmente todo o sujeito/objeto principal da foto. Esse tipo de iluminação geralmente revela mais detalhes na imagem, mas, como as sombras se projetam para trás do que é fotografado, é comum que a foto perca volume, contraste e textura. Um exemplo de uma fonte comum de luz frontal, é o flash embutido nas câmeras.

Comparem, o volume entre a foto de Christian Cisternas (iluminação frontal) e a foto de Luis Salvatore (iluminação lateral).

Notam a diferença na sensação de tridimensionalidade? Reparem como na foto de Salvatore o queixo e a camiseta do menino estão em planos claramente diferentes enquanto que na foto de Cisterna, o queixo e pescoço da modelo quase se confundem num plano só.*

É essa percepção dos diferentes planos que fazem com que uma imagem em duas dimensões (2D) ganhe um aspecto de três dimensões (3D).

** Evidentemente que o fotógrafo Christian Cisternas - de quem emprestamos a imagem - está ciente desse efeito e fez essa imagem - usando a iluminação frontal - somente a título de exemplo.*



Reprodução

CONTRALUZ

O "contraluz" acontece quando o sujeito principal está posicionado entre a câmera e a fonte de luz. Nesse caso, o sujeito se converte em silhueta. As formas se tornam os elementos mais evidentes enquanto perdemos detalhes, textura e cor.

Dominar esse tipo de iluminação é tanto um desafio, quanto um convite à criatividade. As câmeras ou celulares quando em modo automático não compreendem essa operação, sem que lhes sejam especificados onde medir a luz.

Isso porquê, como o fotômetro das câmeras (se você esqueceu o que é o fotômetro, dê uma olhadinha de novo no nosso fascículo 1...), nossos aparelhos têm a tendência de medir a quantidade de luz que incide nos primeiros planos.



Foto: Luis Salvatore





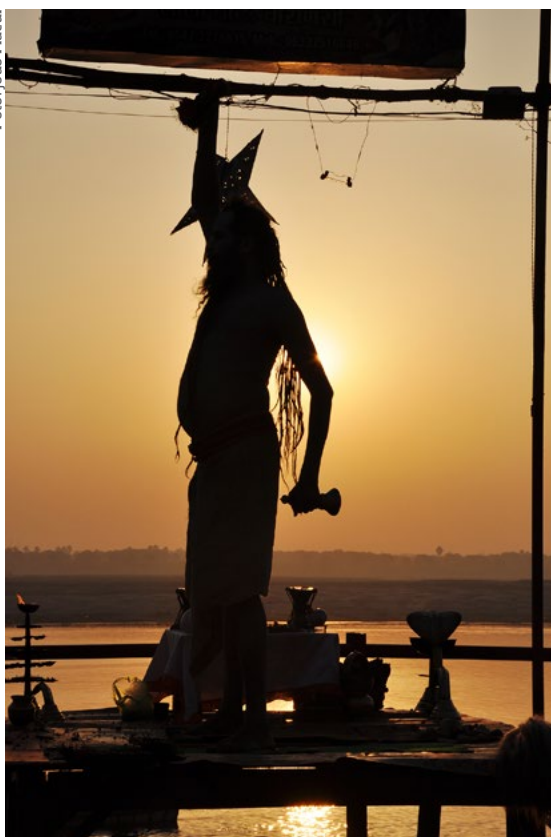
João Wainer



Walter Firmo

Por isso, se estiverem fotografando com celulares ou câmeras em modo automático e quiserem fazer uma imagem em contraluz, terão de medir a luz que está “atrás” do sujeito, e não a que incide sobre ele. Por exemplo:

Foto: João Macul



Para fazer essa foto o fotógrafo teve que ajustar seu aparelho medindo a luz que vinha diretamente do sol. Ou seja em contraluz.

Em seguida, o fotógrafo se posicionou entre a fonte de luz e o sujeito e fez a sua imagem

ILUMINAÇÃO DIRETA (dura) e ILUMINAÇÃO INDIRETA (difusa)

As melhores fotos nem sempre exigem que a iluminação incida diretamente o assunto retratado. Algumas vezes, a melhor iluminação para determinado sujeito, pode ser aquela que incide indiretamente, à sombra de uma árvore, por exemplo. Ou ainda, a luz suave de um dia nublado, que quase não produz sombras.

A iluminação indireta, ou difusa, tende a criar menos contraste e por isso, menos sombras. O uso de um difusor também pode suavizar sua imagem trazendo menos sombras ao objeto fotografado.



Lembrem-se: não há certo, nem errado. Tudo é possível e a medida que praticamos o nosso olhar tornamo-nos mais aptos a fazer escolhas que nos ajudem a construir uma imagem mais relevante, do ponto de vista de nossos próprios objetivos.

LUZ REFLETIDA

Nem sempre a luz está exatamente onde queremos.

Especialmente se trabalhamos com luz natural. Porém, algumas vezes é possível trabalharmos a luz, com o uso de rebatedores que dão uma “ajudinha” refletindo a luz para outras áreas da foto.



Refletindo a luz



Luz refletida

Existem rebatedores feitos exclusivamente para a fotografia. Porém, nada impede que façamos nosso rebatedor com uma simples placa de isopor. Quando a luz toca um objeto, ela é refletida num ângulo de 45°.

Objetos lisos de cores claras, ou brilhantes (um espelho, por exemplo), tendem a refletir mais luz do que objetos de cores escuras. Uma parede preta, por exemplo, tende a absorver mais luz do que uma parede branca, que reflete mais luz.

FLASH

O flash é uma fonte de luz artificial, que nos ajuda a fotografar em ambientes de pouca luz. A maioria das câmeras digitais (e mesmo celulares) possuem um flash embutido, representado por uma pequena seta (veja ao lado).

Quando utilizamos o flash, é importante mantermos uma certa distância - entre 3 a 5 metros - entre a câmera e o fotografado para que todas as áreas da foto, saiam corretamente expostas à luz.

No exemplo abaixo, o flash foi disparado a uma distância muito próxima ao vestido da senhora.

O ideal teria sido se afastar um pouco mais do sujeito principal.

Uma das características do flash embutido é que ele emite uma luz frontal muito forte que pode fazer com que percamos detalhes e volume. Em geral, as fotos feitas com o flash da câmera raramente nos fornecem resultados estéticos tão bons quanto àqueles feitos com a luz natural ou com os flashes e luzes contínuas de um estúdio profissional, por exemplo.

Os estúdios fotográficos trabalham com flashes externos. São equipamentos mais técnicos que o flash embutido da câmera que servem para atenuar a luz que chega ao sujeito principal.



Flash Ligado



Flash desligado



Reprodução

A ideia com a iluminação e o flash de estúdio, é fazer com que a luz que incida de maneira difusa, como um dia nublado. A iluminação de estúdio permite também que o flash seja deslocado, uma vez que ele não está fixo na câmera.

Assim, no estúdio, o flash pode se transformar numa iluminação lateral - ao invés de frontal, por exemplo - auxiliando-nos a captar com mais detalhes e volume o sujeito fotografado.

Em suas visitas físicas à escola, o Instituto Brasil Solidário leva consigo um estúdio fotográfico portátil - com tripés e rebatedores - para que os alunos tenham contato também com esse tipo de fotografia (imagens abaixo).



Reprodução



Foto: João Macul



COR DA LUZ

No fascículo 1, falamos sobre a temperatura de cor (WB), que é exatamente que cor tem a luz na nossa foto. As luzes artificiais reproduzem as mesmas tonalidades, cada vez que as acionamos. É, porém, a luz natural do sol que pode nos surpreender a cada instante com tonalidades surpreendentes.

A tonalidade da luz de um pôr-do-sol, é completamente diferente da tonalidade do meio-dia, por exemplo. Um mesmo local pode ser iluminado com luzes muito diferentes dependendo da época do ano, do horário e mesmo, da meteorologia, conforme mostram as fotos abaixo.

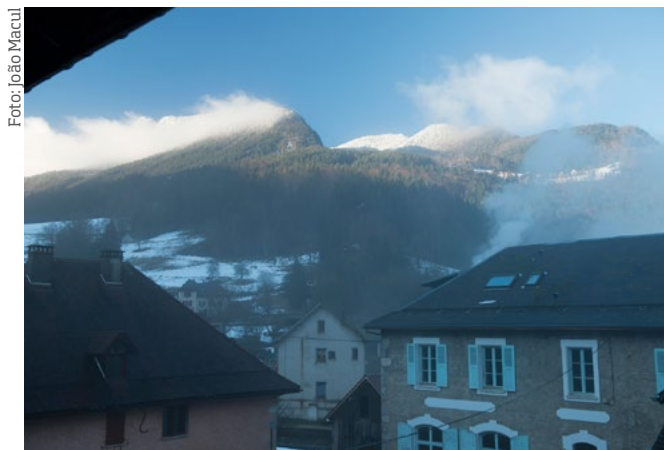


Foto: João Macul



Foto: João Macul

O começo ou o fim de um dia de sol, oferecem belas tonalidades de laranja, vermelho ou magenta, que podem nos render belas imagens. Sejam imagens de paisagens, sejam imagens de retratos ou mesmo de objetos.



Foto: Luis Salvatore



3) MOVIMENTO

Finalmente, chegamos ao terceiro elemento básico de composição: o movimento.

A vida cotidiana que desfila diante de nossos olhos todos os dias, é repleta de movimento! Nosso planeta está em movimento, nosso corpo está em movimento todo tempo. Mesmo quando estamos parados, ou dormindo, nosso coração continuar a bombear o sangue que corre em nossas veias!

Como nosso corpo, a fotografia também pulsa movimento! Ou seria, o movimento que pulsa a fotografia?! De qualquer maneira, quando aprendemos a observar o movimento nas nossas imagens, começamos a perceber que a fotografia muda a cada instante: duas pessoas que se olham; um cachorro que cruza a rua; o nascimento de um bezerro; a morte de uma galinha... tudo está em movimento!

Com as nossas câmeras temos o poder de registrar o momento do movimento. Registramos na eternidade algo que acontece em segundos ou frações de segundos e que logo em seguida já é outra coisa. Fotos que pulsam movimento são fotos que pulsam a vida.

Nossa prática é: como iremos registrar esse movimento? Como iremos registrar essa fração de vida que passa tão rápido, desfilando diante de nossos olhos?



Foto: Eduardo Salvatore



Foto: Luis Salvatore

Sabemos que, no nosso triângulo de exposição, o elemento técnico capaz de regular na câmera a velocidade com que iremos capturar a imagem, é o obturador.

Fotografias que conseguem congelar movimentos rápidos sem que saiam completamente borrados, usam uma velocidade de obturador muito rápida. Nas fotos acima, a velocidade com que as pessoas se projetam é provavelmente muito parecida.

Na primeira, portanto, a mulher em queda livre parece completamente “congelada”, poderíamos mesmo dizer que ela está “voando”. Na segunda foto, o menino dando um “mortal”, tem os braços e uma parte do torço borrada, nos dando a impressão de movimento.



Os dois fotografos usaram, provavelmente, velocidade distintas do obturador. Enquanto que, para fazer com que a imagem fique completamente congelada mesmo estando em movimento, Eduardo Salvatore optou por uma velocidade rápida do obturador, Luis Eduardo escolheu trabalhar com o obturador um pouco mais lento, para transmitir uma sensação maior de movimento em sua foto.



A composição de uma foto é feita de algumas variáveis. À medida que fotografamos, aprendemos a lidar com cada uma delas e com todas elas ao mesmo tempo. O fotógrafo brasileiro Walter Carvalho diz que “fotografia não se aprende, fotografia se pratica”. Essa prática exige que façamos escolhas a todo momento. Escolhas para saber o que vamos fotografar e como vamos fotografar. E vocês, que escolhas vão fazer?

À esquerda, exemplo de obturador com velocidade mais alta, que tende a “congelar” o movimento.

Abaixo, exemplo de obturador com velocidade mais baixa, que resulta em imagens com mais sensação de movimento.



O retrato

As fotos que fazemos de pessoas são comumente chamadas de retratos. Os retratos estão por todos os lados: desde àquela velha foto de nossos antepassados pendurada na parede ou guardadas num álbum no fundo do armário, às nossas selfies postadas nas redes sociais. Aliás, selfies nada mais são do que autorretratos. De certa forma, fazemos tantos retratos que sua presença passou a ser banal no nosso cotidiano.

Porém um retrato pode ser mais do que um registro das férias de 2014 em Guarapari. Um retrato bem feito pode ter beleza, significado e potência singulares, podendo, inclusive, se tornar uma imagem de grande valor artístico e mesmo, histórico.



E já que estamos estudando a fotografia com mais profundidade, porque não concebemos que mesmo os retratos de férias que fizemos em Guarapari tenham um valor artístico agregado?

Todo o conhecimento que vimos até aqui sobre os nossos equipamentos fotográficos e também sobre composição podem ser aplicados a fotografias de retrato.

UMA PROVOCAÇÃO

Em era de selfies quem tem olho fotográfico é rei?



Foto: João Macul

Fotos de paisagens

Quando viajamos temos a tendência a nos encantarmos com as paisagens que estamos descobrindo.

Mas será que conhecemos bem as paisagens do nosso cotidiano? Será que na correria do dia-a-dia prestamos realmente atenção às paisagens que nos cercam?

Quando usamos o termo “paisagem”, em fotografia, podemos estar nos referindo a paisagens urbanas, naturais ou rurais. Parafraseando o fotógrafo Eduardo Salvatore, a fotografia exercita a nossa visão para encontrar beleza onde outros não a vêem e onde aparentemente ela não existe.

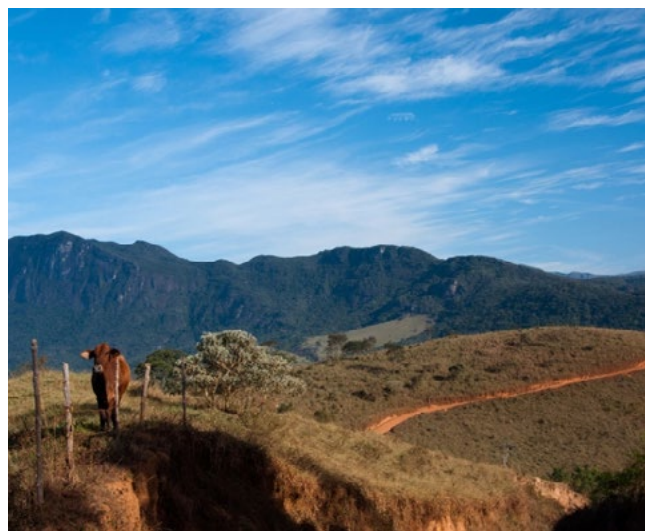


Foto: João Macul

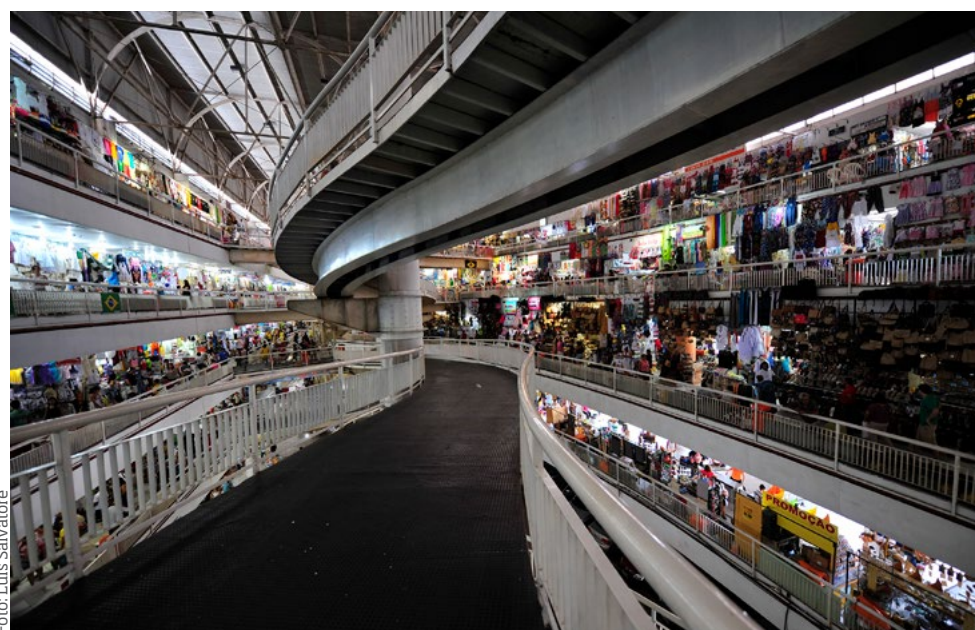


Foto: Luis Salvatore

Faz, portanto, parte da nossa competência, buscar encontrar tal beleza. E como a “fotografia é o retrato da alma do fotógrafo”, antes de partir nessa expedição na busca da beleza daquilo que nos cerca, pode ser importante nos colocarmos em estados de espírito que nos permitam a tanto.



Além disso e de maneira mais técnica, se sairmos para fotografar com os conhecimentos até aqui adquiridos, poderemos estar mais atentos a questões de enquadramento, luz e movimento dessas cenas.

Quanto mais fotografarmos mais iremos integrar esses elementos naturalmente nas nossas práticas. Também, quanto mais recursos aportarmos, melhor serão os resultados das nossas fotos. Tais recursos não se resumem apenas aos nossos equipamentos, senão, ao nosso instinto, à nossa intuição, aos nossos conhecimentos e à nossa persistência.

Estar presente para fotografar significa estar num estado de atenção completo, significa alinhar os nossos sentidos e a nossa inteligência à nossa busca deixando que o “momento fotográfico” aconteça, flua naturalmente.

Buscar ângulos inusitados de uma paisagem pode ser também uma maneira nova e surpreendente de vê-la e pode inclusive aumentar nossa perspectiva sobre tal paisagem.

No nosso próximo fascículo falaremos sobre fotografia moderna e aportaremos mais conceitos de composição fotográfica que muito nos poderão ajudar nessa busca.

Eduardo Salvatore



Reprodução

A PAISAGEM ONDE HABITO

No lugar onde você mora, existem belezas? Qual é a paisagem (urbana, natural ou rural) do cotidiano que te rodeia? E quais poderiam ser as belezas que passam despercebidas no seu dia-a-dia? Programe uma saída fotográfica, permita-se conectar com seus sentidos e sensibilidade e produza uma foto sob uma perspectiva diferente de uma paisagem do seu cotidiano. Experimente, ouse e crie. Procure utilizar os conhecimentos sobre composição até aqui adquiridos: enquadramento, iluminação e movimento. Boa sorte e boas fotos!



Fotografia em preto e branco (PB)

É comum ouvirmos em nossas oficinas que fotografias em preto e branco são sinônimos de fotos velhas. Nem sempre. Muito embora, de fato, as fotografias coloridas tenham se desenvolvido após as fotos em preto e branco, o “PB” (como chamamos comumente), nunca caiu em desuso.

O fotógrafo moderno Eduardo Salvatore em seu livro, “A composição na arte fotográfica”, dá algumas pistas sobre como bem utilizar a fotografia em preto e branco e porquê. Ele escreve:

“

Não há dúvida, porém, que quando comparadas com fotos coloridas, as fotos PB têm um caráter mais abstrato, permitindo ao observador não se prender aos objetos retratados. As fotos PB são, portanto, menos objetivas do que as fotos em cores. (...)

As cores no dia-a-dia, na maioria dos assuntos, não nos dizem nada de expressivo, apenas ‘revestindo’ os objetos, assim produzindo fotos documentárias, bonitas muitas vezes, mas nada mais do que isso. (...)

A intervenção do fotógrafo para dar à imagem final a sua interpretação pessoal é tecnicamente mais fácil na fotografia PB. O fotógrafo habilidoso pode traduzir as cores em tonalidades cinzas por ele controladas, fazendo com que motivos comuns e banais, pouco fotogênicos, adquiram insuspeitados efeitos e expressões capazes de despertar emoções estéticas.

Eduardo Salvatore

”



Fotos: Luis Salvatore



Assim, quando bem realizadas, as fotos em preto e branco podem trazer elementos únicos, focalizando a atenção de quem vê a imagem diretamente sobre o sujeito desejado, abstrato ou não.

A escolha por isso tipo de fotografia pode diminuir a interferência que outras cores podem ter sobre nossas imagens e abrir possibilidades à criatividade e à sensibilidade.

Em tempos de filtros e fotografia digital, para bem realizar essas fotos é importante que mantenhamos em mente, quando saímos a fotografar, que sairemos para fotografar em preto e branco.

Não que tenhamos que ajustar nossos aparelhos para fotos para fotografar no modo preto e branco. Aliás, geralmente esse método não é o mais adequado. É, no geral, preferível fotografar em cores e posteriormente, com programas de edição ou filtros, transformar nossas fotos em PB.

O que sim é importante é que saíamos para fazer esse tipo de fotos com o nosso “olhar fotográfico” em modo preto e branco! Ou seja, que tentemos, antes de fotografar, visualizar a imagem que estamos prestes a fazer em preto e branco, na nossa mente. Assim, podemos fazer escolhas estéticas, de composição, que serão vistas mais tarde, quando passarmos nossas fotos para PB (com filtros ou programas de edição).



Foto: João Macul



Foto: Luis Salvatore



Reflexos e sombras

A luz é também responsável pelas sombras e pelos reflexos que vemos no dia-a-dia. Logicamente que não seria diferente com as imagens que fazemos com as nossas câmeras. Observar atentamente esses fenômenos podem nos render fotos surpreendentes e de rara criatividade e expressão.

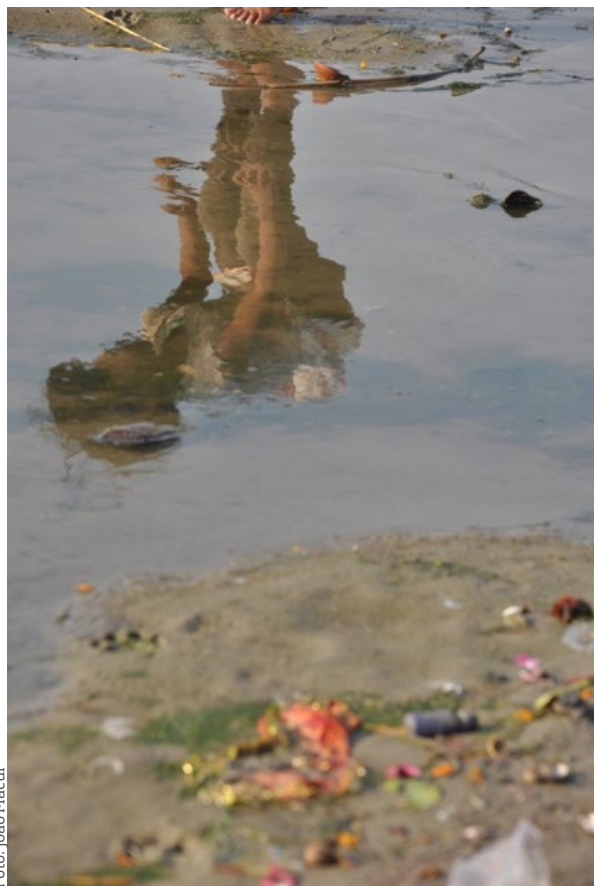


Foto: João Macul



Foto: Luis Salvatore



Walter Firmo

Reprodução

Macro

Simbolizada em algumas câmeras ou mesmo telefones por uma flor, a fotografia macro é àquela dedicada às miudezas! Por si só, a fotografia macro, é uma arte.

Nosso cotidiano é rodeado por grandes paisagens compostas de inúmeros pequenos detalhes. Esses detalhes podem passar despercebidos por nossos olhos, mas ao nos aproximarmos suficientemente, nos damos conta de que havia um “universo” de coisas, plantas e animais que tendem a “passar batido”.

Quando vistos de perto esses sujeitos podem ter estruturas com detalhes e formas extraordinárias!

As fotos macro, na fotografia profissional, exigem na maioria das vezes, objetivas macro, que são produzidas com intenção de fazer esse tipo de imagem. É um excelente exemplo para trabalhar a foto criativa.



Foto: João Macul



Fotografia de animais

As redes sociais estão inundadas de fotos de animais. Gatos, cachorros e passarinhos, animais domésticos ou algumas “visitas inusitadas” em nossos jardins despertam um desejo incontável de registrá-los.

Existem registros e registros, mas usando os conceitos de composição que vimos até aqui e outros que viremos a seguir, podemos transformar um simples registro numa imagem mais artística.

Uma foto que pode ir além de um simples clique, podendo despertar a sensibilidade para emoções mais estéticas, provocativas, ou mesmo, para o humor (como na foto abaixo).



Reprodução

Elliot Erwitt



Foto: Luis Salvatore

“

Invariavelmente, a melhor fotografia é aquela que não fiz e que guardo na alma e no olhar.

Orlando Azevedo

”



Foto: Luis Salvatore



FOTÓGRAFAS E FOTÓGRAFOS BRASILEIROS EM AÇÃO

[Bob Wolfenson](#)

[Maureen Bisilliat](#)

[Cristiano Mascaro](#)

[Maurício Lima](#)

[João Roberto Ripper](#)

[Nego Miranda](#)

[J.R. Duran](#)

[Pedro Martinelli](#)

[Luiz Abreu](#)

[Sebastian Rojas](#)

[Luiz Garrido](#)

[Vânia Toledo](#)

[Márcia Charnizon](#)

[Walter Carvalho](#)

Links interessantes

- Site com conhecidos fotógrafos do mundo - [LINK](#)

Vale a pena ver esse canal: [LINK](#)

Muitos vídeos interessantes para os apaixonados pela imagem e pela fotografia, usamos material desse fotógrafo em nossas aulas de campo. Vale a pena conferir!

Filmes e documentários recomendados

Documentário - Vik Muniz: Lixo Extraordinário - [LINK](#)

Filme - O Sal da Terra - de Wim Wenders e Juliano Ribeiro Salgado

Série - Fotógrafos Brasileiros: caçadores da alma

Documentário - Fotografia e emoção - [LINK](#)

Revistas e Jornais

Revistas especializada em foto: <https://www.polkamagazine.com/>

As imagens mais influentes de todos os tempos: <http://100photos.time.com/>

Siga o canal IBS Educacional no Youtube: <https://www.youtube.com/user/ibseducacional/videos>



Referências Bibliográficas

BARTHES, R. A câmara clara: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1984.

BAUMAN, Z. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BONI, Paulo César. MORESCHI, Bruna Maria. Fotoetnografia: a importância da fotografia para o resgate etnográfico. Disponível em: <http://www.doc.ubi.pt/03/artigo_paulo_cesar_boni.pdf>. Acesso em: 28 de abril de 2021.

DALY, T. Guia Básico de Fotografia Digital. São Paulo: Estampa, 2000.

ESCARTIN, P. Photographie au smartphone, Focus, 2018.

FREEMAN M. L'oeil du Photographe et L'art de la composition. Paris: Pearson Education France, 2007.

KOSSOY, B. Os tempos da fotografia: o efêmero e perpétuo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

LIMA, Ivan. A Fotografia é a sua linguagem. Espaço e Tempo, 1988.

REVELL, J. Exposition pratique photo. Paris: PeachPit Press, 2011.

SAMAIN, E. O Fotográfico. São Paulo: Hucitec, 1998.

SONTAG, S. Sobre a Fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.



Foto: Luis Salvatore

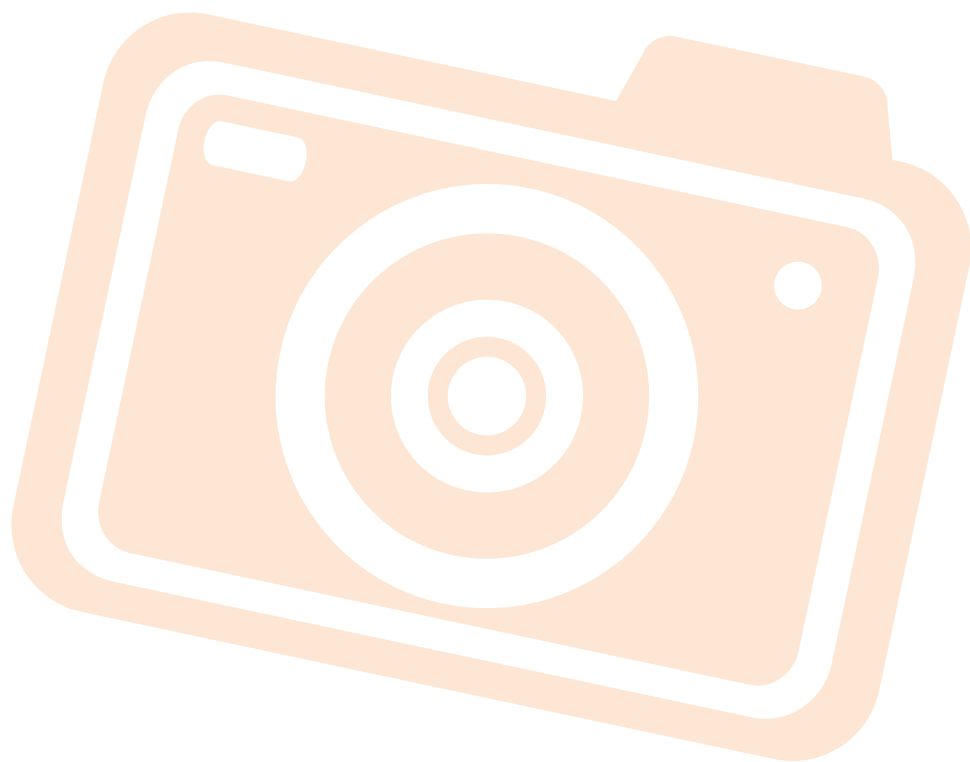
Texto e pesquisa: João Macul

Revisão: Luis Eduardo Salvatore e Jefferson Maciel Teixeira

Responsáveis pela área de Educomunicação: Jefferson Maciel Teixeira, João Macul e Luis Eduardo Salvatore



Conteúdo protegido - Proibida a reprodução sem créditos ao Instituto Brasil Solidário
para fotos ou contextos de projetos apresentados



Instituto
**BRASIL
SOLIDÁRIO**

INSTITUTO BRASIL SOLIDÁRIO - IBS
www.brasilsolidario.org.br